

Linhas que desfazem o eu: subjetividade e a escrita cartográfica em Deleuze e Guattari

Lines that undo the self: subjectivity and cartographic writing in Deleuze and Guattari

BRENDA DOS SANTOS MENEZES¹; FLÁVIO LUIZ DE CASTRO FREITAS²;
FLÁVIA CRISTINA SILVEIRA LEMOS³

Resumo: Este trabalho propõe uma problematização sobre a constituição do “Eu” a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente no que tange à escrita como prática cartográfica de construção crítica da subjetividade. Ao rejeitar a ideia de um sujeito uno, fixo ou substancial, os intelectuais propõem uma concepção rizomática do “indivíduo”, constituído por um entrelaçamento de linhas como apresentado em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1980). A escrita, nesse contexto, emerge como território existencial e expressão de movimentos aberrantes (2015), traçando rastros dos múltiplos encontros, intensidades e devires que compõem os processos de subjetivação. Inspirando-se ainda na noção de despersonalização de *Carta a um crítico severo*, presente em *Conversações* (1992) bem como nas conversações filosóficas de *Diálogos* (1977), investiga-se como a cartografia dissolve as formas fixas do Eu para permitir a emergência de uma multiplicidade de si. O “Eu” é aqui concebido como efeito de um agenciamento, funcionando mais como um campo de passagem do que um ponto de origem do discurso, onde forças e intensidades se encontram, tensionam, vibram e escapam. Uma dobra sensível entre o dentro e o fora, entre o dizer e o ser dito, uma canção que se desfaz em gritos enquanto se escreve e volta a se compor enquanto canção à medida em que é agenciada.

Palavras-Chave: Subjetividade. Diferença. Linhas de Fuga.

Abstract: This paper proposes a problematization of the constitution of the “I” based on the thinking of Gilles Deleuze and Félix Guattari, especially with regard to writing as a cartographic practice of critical construction of subjectivity. By rejecting the idea of a single, fixed or substantial subject, the intellectuals propose a rhizomatic conception of the “individual”, constituted by an intertwining of lines as presented in *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia* (1980). In this context, writing emerges as an existential territory and expression of aberrant movements (2015), tracing traces of the multiple encounters, intensities and becomings that make up the processes of subjectivation. Also inspired by the notion of depersonalization in *Letter to a Severe Critic*, present in *Conversations* (1992) as well as in the philosophical conversations of

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA (2022). Mestrado profissional em andamento em Cultura e Sociedade pela mesma instituição (PGCULT-UFMA) na Linha de Pesquisa Expressões e Processos Socioculturais. E-mail: brendamezesnes@gmail.com

² Graduado em Filosofia – UFMA, Mestre em Cultura e Sociedade – UFMA, Doutor em Filosofia – UFSCAR e Professor de Filosofia – UFMA. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFMA. E-mail: fldcfl@gmail.com

³ Graduada em Psicologia – UNESP, Mestrado em Psicologia Social – UNESP, Doutora em História Cultural – UNESP, Bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPQ-Pq2. E-mail: flaviacslemos@gmail.com

Diálogos (1977), the study investigates how cartography dissolves the fixed forms of the I to allow the emergence of a multiplicity of self. The “I” is here conceived as the effect of an agency, functioning more as a field of passage than as a point of origin of discourse, where forces and intensities meet, tense, vibrate and escape. A sensitive fold between the inside and the outside, between saying and being said, a song that dissolves into screams as it is written and recomposes itself as a song as it is agencyed.

Keywords: Subjectivity. Difference. Lines of flight.

Introdução

A subjetividade, por muito tempo, foi pensada como algo identificado com uma interioridade imutável e o sujeito foi definido como consciência plena de si, como identidade. Contudo, há algo que escapa a essa narrativa. Trata-se de um excesso, do que passou a ser nomeado com uma falha constitutiva, um processo de descentramento e individuação (Deleuze, 1992).

Há algo que não cabe no nome, mas que ainda sim insiste em tentar ser nomeado e se nomear. Assim, quando se diz “Eu”, o que exatamente se afirma? O que se sustenta nesse gesto que, ao mesmo tempo, tenta capturar e organizar aquilo que é definido por uma visão de natureza instável, atravessado, em variação contínua? Há quem diga o nome como tentativa de afirmação no mundo como um modo de se apresentar. Mas há também quem diga o nome para se perder. Para se abrir ao que passa tanto por dentro quanto por fora.

Em *Carta a um crítico severo*, presente na coletânea *Conversações* (1992), Deleuze tece uma crítica à noção tradicional de sujeito. O “Eu” não fala de um lugar fixo, ele fala enquanto se desfaz, portanto, quando se diz por um nome tenta-se projetar-se como uma identidade e uma consciência colada em um “Eu”, que se configuraria por um nome:

Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um Eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. O nome como apreensão instantânea de uma tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto

de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos: o contrário de uma vedete (Deleuze, 2008, p. 15).

Dessa forma, Deleuze (2008) contrapõe sua concepção à despersonalização tradicionalmente operada pela história da filosofia, marcada pela submissão às categorias universais e abstratas. Em sua perspectiva, despersonalizar-se é um ato de amor. É um movimento de entregar-se às multiplicidades e intensidades que atravessam a subjetividade.

Ao abrir-se a essas forças, a subjetividade se desloca, alcançando modos mais amplos e sensíveis de existir e compreender a si mesmo e o mundo, em deslocamentos que deslizam em um processo de tornar-se, em descontinuidades na constituição de si. A abertura às forças intensivas é a produção de passagens em que se faz território de existência por dobras. Esse dobrar-se é um processo de subjetivação que não cessa de acontecer.

Nesse sentido, o suposto “Eu” pode ser pensado como uma impessoalidade aberrante, em que existem sistemas abertos em interligação constante e mutável, cuja dinâmica está expressa enquanto uma imanência pura e radical, a qual é composta por forças que resistem às codificações transcendentais que têm como efeito a redução da potência auto-produtiva da própria impessoalidade.

A subjetividade, portanto, torna-se uma composição de singularidades soltas (nomes, partes do corpo, animais, acontecimentos mínimos), a partir do momento em que se permite o exercício de despersonalização. Esse deslocamento aponta para uma crítica à ideia de sujeito como representação e soberania, substituindo-a por uma concepção rizomática da subjetividade, em que o nome próprio não é uma expressão de uma essência e sim é uma marca efêmera de um campo de intensidades em constante variação.

Poderíamos nos arriscar e falarmos de um sujeito errante, como uma transformação contínua à medida em que as intensidades que o constituem encontram necessariamente um termo no desarranjo da anti-produção, que é formada no núcleo da produção, conduzindo, assim, à uma mudança na combinação dos processos e desencadeando inúmeras linhas de fuga que se

dividem e se rearticulam durante o percurso de construção das maquinações da subjetivação.

Isso implica uma concepção de tempo enquanto pura duração, que é formada a partir de intensidades virtuais e que atua ao fundo de uma definição de inconsciente ontológico, o qual é atraído para a atualização como um inconsciente psíquico represado em formas antropomórficas e familiares. Nesse ponto, pretende-se interrogar as formas instituídas e criar um acontecimento que produz subjetividades como dobras.

Esse inconsciente ontológico e virtual da duração corresponde ao puro devir louco do tempo na perspectiva do “aion”, que não rege de maneira imediata estados de coisas devidamente bem formados e submetidos à sucessão temporal diacrônica. Talvez, o que interesse a esse inconsciente seja a deformidade de rosto líquido que nunca se concretiza num estado de coisas devidamente composto que possa ser enunciado numa proposição, visto que não está na seara da comunicação, mas da expressão.

154

O devir é o que estabelece uma relação afetiva com as coisas. Não se trata de filiação, mas de alianças. Ele é da ordem da aliança. Se a evolução comporta verdadeiros devires, é no vasto domínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível (Deleuze; Guattari, 1997, p. 19).

Essa seara da expressão é marcada pela nuvem móvel do jogo entre as virtualizações e as atualizações, em que o cristal é construído nesses dinamismos voltados para compor com outros dinamismos em função exclusivamente do aumento de sua potência.

Com base nisso, esse inconsciente funciona como a distensão temporal daquilo que está sendo arruinado ou em vias de arruinar-se. No bojo desse processo de ruínas temporais e subjetivas, um estilhaçamento ocorre e há a fragmentação em sentidos opostos e que não supõe um dualismo entre sujeito e objeto.

Quando há o dualismo, ele é efeito de uma personalização do “Eu”, que se sobrepõe aos movimentos desse inconsciente, cujo coração consiste em atuar como um campo transcendental impessoal. Assim, há uma diferenciação que

ocorre como processo de desterritorialização que faz a subjetividade entrar em um campo de singularização que despersonaliza o “Eu” e produz outros modos de existência.

Semelhante campo é a imagem do pensamento e a carne do Ser, que impulsiona o sujeito errante enquanto um processo de transformação minoritária molecular propositalmente ambíguo e que costura a pele da Vida, vindo a encaminhar toda personalização para uma morte feliz, ou seja, um devir produtor de despersonalização e o resgate de múltiplas forças absorvidas pela forma representacional do utilitarismo puro e da matriz do espaço em detrimento do tempo.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos (Deleuze; Guattari, 1997, p. 19).

Como decorrência disso, é possível afirmar que, em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari cartografam o processo de subjetivação a partir de três tipos de linhas: a) de segmentaridade dura, b) de segmentaridade maleável e c) de fuga. As chamadas linhas duras, ou de segmentaridade molar, tal como formuladas por Deleuze e Guattari (1996), operam como dispositivos de organização da vida social por meio de divisões rígidas e binárias. Elas constituem os grandes agrupamentos coletivos e institucionais, nos quais os sujeitos são capturados e codificados conforme categorias preestabelecidas.

É por essas linhas que se constroem dicotomias estruturantes como homem/mulher, rico/pobre, patrão/empregado, professor/aluno, civil/militar. Tais polarizações orientam a experiência social, bem como delimitam os papéis possíveis de serem ocupados, moldando os modos de existência em consonância com um ideal de normalidade e estabilidade.

Deleuze e Guattari (2011) ressaltam que a subjetividade se descola dos ideais, na medida em que não se confunde com os trajetos que percorre. Portanto, há uma modulação que é da ordem da intensidade e variação e não da estabilidade. Essas segmentações, segundo os autores, não se restringem ao plano das grandes

estruturas sociais (como o Estado, as instituições e as classes), pelo contrário, atravessam também as relações interpessoais, os afetos e os gestos cotidianos.

Trata-se, portanto, de linhas que operam tanto nos níveis macropolíticos quanto micropolíticos da experiência. Essas linhas possuem um caráter normalizador pela disciplina. Diante desses atravessamentos normalizadores, traça-se uma diagonal de forças que opera pelo devir e se atualiza como afecção interpessoal, fazendo heterogênesse com ética, estética e política no campo da composição da subjetividade.

A subjetividade não faz personalidade e nem resulta em uma dimensão de ser pessoalidade, pois, ela é dobra porosa que mobiliza as linhas que vão se atualizando em devir. As intensidades são de várias valências em um campo magnético. Segundo Deleuze (1992), Foucault pensou a subjetividade como processo de individuação que não é uma forma de pessoa nem de identidade, pois o movimento de subjetivação é como uma obra de arte, uma estética da existência.

Elas são responsáveis por manter a coesão social por meio de mecanismos de padronização, codificação e vigilância simbólica. Sua função é controlar a variação, evitando a irrupção de forças que poderiam comprometer a estabilidade do sistema. Nesse sentido, trata-se de linhas de castração, no exato sentido em que buscam conter os devires e domesticar os possíveis. Elas atuam para assegurar a inteligibilidade social das subjetividades, inscrevendo-os em lugares reconhecíveis, segundo lógicas de identidade que se pretendem universais e invariáveis.

A dualidade que estrutura essas linhas reduz a complexidade da experiência, impondo cortes rígidos entre o que pertence e o que não pertence, entre o que se encaixa e o que escapa. Como mecanismos de segmentarização, seu objetivo é garantir e conservar os modelos existentes, mesmo à custa do silenciamento de outras formas de vida afirmativas e que desfiguram modelos prévios.

As normas que orientavam a formação de um modelo passam a ser alvo de interrogações quando são tensionadas as dobras do ser. Nesse trabalho de si sobre si há um deixar-se viver o experimentar que as afecções produzem. As normas são facultativas e operam por meio de práticas históricas de saber, de poder e de subjetivação. Elas se sustentam em saberes que são uma batalha de regimes de

veridicção, em uma dinâmica de exercício das forças que são poderes. Nesse aspecto, as subjetividades são moduladas em um processo de observação das normas, ao mesmo tempo em que convivem com elas, as reinventam (Deleuze, 1992).

Como observam os autores, se trata de mecanismos que buscam garantir a identidade de cada elemento, inclusive a identidade pessoal (Deleuze; Guattari, 1996, p. 67). Por sua própria natureza, essas linhas operam uma simplificação da realidade, ocultando nuances, ambivalências e zonas de indiscernibilidade. Sair da pessoalidade e da identidade é (re)existir no plano da mobilidade das forças em um caos criativo que é produtivo de subjetividades.

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinação que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam; não é o movimento de uma a outra mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço (Deleuze; Guattari, 1992, p. 53).

Essas linhas instauram uma lógica de controle que visa à reprodução da ordem, reiterando estruturas de poder e modos de subjetivação historicamente consolidados. Em vez de deslocar, a segmentarização molar fixa e reproduz. cada sujeito deve saber o seu lugar, sua função, sua posição no campo social. O que ultrapassa essas fronteiras é tratado como ameaça, desvio ou erro. Logo, torna-se importante romper com moralismos e normalizações, mesmo que se faça um caos de forças que gere divergências e desvios quanto aos modelos (Guattari, 2012).

Em *Diálogos* (1980), sobre o primeiro tipo de linha Deleuze diz o seguinte:

E a cada vez, de um segmento a outro, nos dizem: agora você já não é um bebê; e na escola, aqui você não é mais como em família; e no exército, lá já não é como na escola... Em suma, todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam em todos os sentidos, pacotes de linhas segmentarizadas. (Deleuze, 1998, p. 101).

Nesse segmento, o funcionamento da segmentaridade molar nos processos de subjetivação, constantemente recorta os indivíduos por linhas normativas que delimitam suas posições sociais ao longo da vida. Cada transição corresponde a um novo regime de codificação que impõe papéis, condutas e modos de ser

previamente instituídos. Questionar os papéis é desnaturalizar os modelos e historicizar as condutas previstas. Traçar outros regimes é acolher a variação e entrar em uma esfera das multiplicidades em zonas de co-existências.

É uma lógica de captura que opera por sucessivos cortes identitários, como “pacotes de linhas segmentarizadas” que produzem um sujeito funcional, legível e adaptado aos aparelhos de poder. Ao mesmo tempo em que os indivíduos são capturados por linhas duras, também são atravessados por linhas mais flexíveis e em certa medida “moleculares”.

As linhas de segmentaridade maleável, operam segundo uma lógica micropolítica, rizomática e não totalizante, distinta das segmentações molares que delimitam identidades e funções sociais rígidas. De natureza mais flexível e sutil, essas linhas não se manifestam por grandes cortes ou rupturas visíveis, mas por impulsos, dobras e pequenas rachaduras que emergem no plano imanente da vida cotidiana. Fazer rizoma é produzir a subjetividade como um diagrama de múltiplas de forças entrecruzadas.

Como os pensadores apontam, trata-se de “impulsos e rachaduras na imanência de um rizoma, ao invés dos grandes movimentos]: e dos grandes cortes determinados” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 72). Essas linhas atravessam tanto os campos sociais quanto os espaços subjetivos, produzindo variações sutis, deslocamentos e rearranjos nos modos de existir.

Elas atuam nas brechas dos sistemas normativos, introduzindo desvios, hesitações e nuances que escapam ao controle das segmentações duras. Abrindo fissuras no cotidiano, afetando o sujeito de maneira imperceptível:

Não que sejam mais íntimas ou pessoais, pois elas atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis. Mais, porém, do que linhas molares a segmentos são fluxos moleculares a limiares ou quanta. Um limiar é ultrapassado, e não coincide, necessariamente, com um segmento das linhas mais visíveis (Deleuze, 1998, p. 101).

Esse segundo tipo de segmentaridade atua na modulação de identidades e comportamentos em múltiplos níveis, afetando tanto as dinâmicas sociais e coletivas quanto as experiências subjetivas mais singulares:

Muitas coisas se passam sobre essa segunda espécie de linhas, devires, micro-devires, que não têm o mesmo ritmo que nossa “história”. Por isso são tão penosas as histórias de família, as referências, as memórias, enquanto todas as nossas verdadeiras mudanças passam em outra parte, uma outra política, outro tempo, outra individuação. Uma profissão é um segmento duro, mas o que é que se passe lá embaixo, que conexões, que atrações e repulsões que não coincidem com os segmentos, que loucuras secretas e, no entanto, em relação com as potências públicas: por exemplo, ser professor, ou então juiz, advogado, contador, faxineira? (Deleuze, 1998, p. 101).

São, portanto, linhas que operam nos micro-devires e nas dinâmicas internas imperceptíveis, aquelas que não se organizam segundo lógicas binárias ou dicotômicas. Por sua natureza fluida e ambígua, estão submetidas a duas forças simultâneas: de um lado, a tendência à sobrecodificação pelas linhas duras, que buscam reconduzi-las à ordem e à normatividade; de outro, a inclinação ao devir e à desestratificação, que as aproxima das linhas de fuga (o terceiro tipo identificado por Deleuze e Guattari). Assim sendo:

Ao mesmo tempo ainda, há como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. Essa linha é simples, abstrata, e, entretanto, é a mais complicada de todas, a mais tortuosa: é a linha de gravidade ou de celeridade, é a linha de fuga e de maior declive (“a linha que o centro de gravidade deve descrever é, certamente, bem simples, e, pelo que ele acreditava, reta na maioria dos casos, mas de outro ponto de vista, tal linha tem algo de excessivamente misterioso, pois, segundo ele, ela não tem nada senão o caminho da alma do dançarino...” Essa linha parece surgir depois, se destacar das outras, se conseguir se destacar. Pois, talvez haja pessoas que não têm essa linha, que têm apenas as duas outras, ou que têm apenas uma, que vivem apenas sobre uma. No entanto, de outra maneira, essa linha está aí desde sempre, embora seja o contrário de um destino: ela não tem que se destacar das outras; ela seria, antes, primeira, as outras derivariam dela (Deleuze, 1998, p. 102).

As linhas de fuga são um tipo de linha que escapam às codificações previsíveis das segmentaridades duras e maleáveis. São linhas de desterritorialização. São linhas de ruptura que não obedecem à lógica do controle nem da adaptação, pois deslizam por fora das estruturas codificadas da vida social. Criar movimento de atualização da subjetividade é deslocar as linhas e as

entrecruzar em outras subjetividades. Há tanto em Deleuze e Guattari quanto em Foucault, uma recusa ao que chamam de personologia linguística.

É como tecer com fios artificiais que fazem novos emaranhados e realizam heterogêneses que são caos de forças, segundo Guattari (2012).

Pensar não é um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz na relação entre o território e a terra [...]. Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização in loco, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada [...]. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. (Deleuze; Guattari, 1992, p. 113).

Ao invés de reproduzir formas de subjetividade, desfazem-nas (mesmo que momentaneamente), conduzindo o sujeito à experimentação do devir. Portanto, inventa-se maneiras outras de viver, de agir, de se relacionar, de pensar e de sentir.

O Eu e a Escrita Cartográfica

160

Os três tipos de linhas que compõem o sujeito coexistem em constante entrelaçamento, compondo o campo imanente da experiência subjetiva e social. Suas interferências mútuas produzem uma malha de forças que atravessam corpos, afetos e territórios, redesenhando continuamente os modos de existência. Como afirma Deleuze, “temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão” (Deleuze, 1998, p. 102).

A escrita se faz como complicação que embaralha as forças e gera efeitos de caos no que parecia estável e paralisado. A subjetividade se constitui pelo processo de subjetivação que é um movimento dinâmico de forças que são exercidas em deslizamentos e caosmose (Guattari, 2012). A subjetividade, pois, é composta por múltiplas direções, tensões e dobramentos em um diagrama que não tem entrada nem saída privilegiada. A dobra não se separa das forças que a fizeram, pois é composta pelas linhas que a compõem.

As linhas são tecidas em várias velocidades e nós vamos tentando dobrá-las em um movimento de construção de territórios de existências por meio de uma

estilística que é da ordem de pensar a vida como uma obra de arte. Dobrar e desdobrar as linhas são práticas que demandam abertura à subjetivação. Por isso, não há sujeito. O que fazemos são dobras de subjetividade (Deleuze, 1992).

Há uma preocupação de Deleuze em não ceder ao subjetivismo, ao representacionismo e ao identitarismo. O que interessa na cartografia deleuziana é a heterogeneidade dos processos acontecimentais que são experimentação e se realizam por problematizações. Assim, sua filosofia se dá por uma escrita de linhas que são acoplamentos transversais de ressonâncias múltiplas que se fazem por ecos diagramáticos em cadeias caóticas em devir (Zourabichvili, 2016).

Em suma, se faz um emaranhado que é, justamente, o objeto de investigação de práticas, tais como: a esquizoanálise, a cartografia e a rizomática, que, segundo o autor, “o que chamamos por nomes diversos - esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia - não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos” (Deleuze, 1998, p. 102). A subjetividade, assim, é um campo de forças heterogêneas, atravessada por linhas que a configuram, a desestabilizam e a tornam sempre outro. Sempre em devir. E o devir é minoritário e fluxo de intensidades que desfigura o modelo de ser, portanto, as formas.

No horizonte da cartografia, da filosofia da diferença e dos movimentos aberrantes, a noção de sujeito uno é substituída por uma compreensão plural e rizomática da subjetividade. O “Eu” é um território composto por múltiplos territórios que se sobrepõem e se atravessam (territórios étnicos, políticos, geográficos, sexuais), cuja configuração expressa encontros contingentes e intensidades singulares (Deleuze; Guattari, 1996). A prática rizomática faz um processo de caos que desestabiliza os territórios instituídos e movimenta as placas tectônicas de vidas cristalizadas em repetições que foram chamadas de “Eu”.

Trata-se de uma subjetividade em devir, produzida pelas linhas que a cortam nos mais diversos contextos de existência. Ao enunciar algo de si, o sujeito não afirma uma identidade, mas *performa* uma posição situada, marcada por forças e histórias que o constituem em sua diferença. Sem nunca deixar de implicar aquele que escreve em suas eventuais colheitas e condições transcendentais e vitalistas

dos processos de subjetivação. Essa implicação é a vivência enquanto criação de si no devir e no morrer durante o itinerário do escrever e do pensar.

Assim, quando se fala em primeira pessoa, o que se traça é o contorno de um território minoritário, não-hegemônico, cuja singularidade não impede, mas antes convoca, a possibilidade de ressonância com outros territórios e outras vozes no entrelaçamento das diferenças que, em algum ponto, se encontram. A diferença é a atualização das forças pelo caos que faz devir por movimentos disruptivos e jogos de acaso sem uma lógica prévia e sem intencionalidades de um sujeito da consciência.

Considerações Finais

Voltemos à nossa pretensão: problematizar a constituição do “Eu” a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente no que tange à escrita como prática cartográfica de construção crítica da subjetividade. Em nosso percurso recuperamos noções como “sujeito errante” e “inconsciente ontológico” para tratar da fundamentação pertinente à crítica a esse “Eu” personalizado, sem deixar de frisarmos a importância relativa à discussão sobre o conceito de “tempo”, bem como aos processos de virtualização e atualização.

A produção desejante está personalizada, ou mesmo personologizada, imaginarizada, estruturalizada [...] A produção nada mais é que produção de fantasma, produção de expressão. O inconsciente cessa de ser o que ele é, uma usina, um ateliê, para tornar-se um teatro, cena e mise-en-scène (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 64).

A pragmática da experimentação se faz linhas de fuga e heterogêneses. Logo, fala-se em agenciamentos de linhas, na cartografia das práticas desejantes em que o inconsciente fabrica modos de expressão incessantemente. Se trata de um processo aberto em uma dinâmica que não cessa de abrir passagens ao devir. Há uma descontinuidade em processualidades intensivas que produzem enunciados sem centralizá-los em um sujeito da cognição e reconhecimento, pois o pensar se dá por rizoma e não por meio de um cérebro como centralização do pensamento, na medida em que a memória se desloca e não se restringe à lógica arborescente.

Essa problematização possui um expediente propositivo que é vivenciado na experiência da escrita, a qual entendemos como um caso concreto de “devir”, isto é, de transformação minoritária no processo aberrante do “morrer” enquanto aparecimento de multiplicidades silenciadas e capturadas por forças representacionais hegemônicas.

A atualização do virtual, ao contrário, sempre se faz por diferença, divergência ou diferenciação. A atualização rompe tanto com a semelhança como processo quanto com a identidade como princípio. Nunca os termos atuais se assemelham à virtualidade que eles atualizam: as qualidades e as espécies não se assemelham às relações diferenciais que elas encarnam; as partes não se assemelham às singularidades que elas encarnam. A atualização, a diferenciação, neste sentido, é sempre uma verdadeira criação [...]. Atualizar-se, para um potencial ou um virtual, é sempre criar linhas divergentes que correspondam, sem semelhança, à multiplicidade virtual (DELEUZE, 2006, p. 298-299).

Sendo assim, O “Eu” foi aqui concebido como efeito de um agenciamento, funcionando mais como um campo de passagem do que um ponto de origem do discurso, onde forças e intensidades se encontram, tensionam, vibram e escapam. Os saberes são atualizados em e com poderes nos processos de subjetivação que são modos de traçar escritas de si e de outrem como quem faz mapas, em uma cartografia em um emaranhado de forças caóticas que se encontram em desterritorializações.

Uma dobra sensível entre o dentro e o fora, entre o dizer e o ser dito, uma canção que se desfaz em gritos enquanto se escreve e volta a se compor enquanto canção à medida em que é agenciada. Dobrar as forças é tensionar a subjetividade para abrir passagens à subjetivação que gera práticas de estilísticas das existências como diferenciação por produções de passagens em que escrever é tensionar as linhas e dobrá-las para delas fazer um rizoma.

Referências

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G., PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34, 2016.

Submissão: 29. 06. 2025 / Aceite: 20. 07. 2025